Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

P-3-20

CULTURA

BALDUS - Kanaxúnu
D. RIBEIRO - A. kadiwéu

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO

1951

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

Kanaxívue

HERBERT BALDUS

Muita coisa se tem escrito sôbre os Karajá do Brasil-Central. As monografias mais importantes para o estudo de sua cultura material são as de EHRENREICH (1) e KRAUSE (2). Êste tratou também das máscaras (3) e da arte (4) daqueles índios do Rio Araguaia. LIPKIND (5) fêz observações sociológicas. Eu estudei em duas viagens a mudança cultural (6). Material mitológico foi publicado pelos mencionados autores (7), por PALHA (8), por MACHADO (9) e por mim (10).

Após pesquisas minuciosas, o etnólogo e lingüista norte-americano WILLIAM LIPKIND (11) pôde dizer o seguinte: "The Karajá, who, after hundreds of years of contact with white culture and nearly a century of close contact, cling so resolutely to their beliefs, are not a bit fussy about details. The stories are told differently by almost every teller. The amount of variation in important details is enormous... A Karajá who travelled with me from village to village heard all sorts of variants of this kind and accepted them all with almost equal confidence. It was not that he did not see the discrepancies. They did not matter to him."

As versões de mitos recolhidas por mim, em 1935, da bôca de Diuasá e Nuerehí, dois homens da mesma aldeia do grupo setentrional dos Karajá, distinguem-se essencialmente tanto entre si como também do material a respeito publicado por outros autores. Versões que ouvi, em 1947, no grupo meridional, diferem, por sua vez, daquelas e também entre si.

Publicando, em 1937, meu material sôbre o herói tribal e a aquisição da luz, junto com os respectivos dados de EHRENREICH e KRAUSE e com alguns comentários (12), parecia-me que certa versão, isto é, a contada pelo Karajá Cadete Chico a FRITZ KRAUSE, deveria ser admitida com reservas (13), pois eu supunha que o papel útil nela atribuído ao herói Kanaxívue não correspondesse de modo algum a seu caráter de malfeitor, claramente demonstrado em outros mitos. Além disso, dos componentes dos mitos de Kanaxívue até então conhecidos por mim, a versão de Cadete Chico continha sòmente a designação dessa figura como "Deus" e a "barriga grande" mencionada por EHRENREICH. No restante, ela representava, na minha opinião, uma versão do mito da captura do urubu-

rei, embora essa ave fôsse substituída, na narração de Cadete Chico, pelo jaburu.

Minha desconfiança em relação à versão dada pelo Cadete Chico desapareceu à vista dos esclarecimentos que recebi, em 1947, de Deauóro, em Santa Isabel. Os Karajá mais simpáticos e de melhor aparência são desta aldeia. Deauóro era um dêles. Tinha cêrca de trinta anos. Seus traços finos correspondiam aos seus modos corteses e retraídos. Nunca manifestou um desejo. Mas, uma vez, como lhe perguntei pela sua roça, me trouxe de lá, no dia seguinte, algumas boas bananas, aceitando, como retribuição, um pouco de fumo. Não gostou muito do Serviço de Proteção aos Índios cujos funcionários tinham suas casas pegadas à aldeia e dela separadas por arame-farpado. De noite, êle costumava sentar-se junto aos adolescentes que, em frente da casa-de-máscaras, se exercitavam em dança e luta-livre. Tinha bem compreendido o valor de conservar a tradição da tribo. Era médico-feiticeiro. Ainda que os Karajá pratiquem a exogamia, passando o marido a morar na aldeia da mulher, Deauóro tinha-se casado com moça de sua aldeia natal, tendo ficado, portanto, em Santa Isabel, onde nasceram também a sua mãe e a mãe de sua mãe. O pai de Deauóro, porém, era de Mato Verde, a segunda aldeia que se encontra descendo o rio desde Santa Isabel. Tudo que Deauóro sabia acêrca dos mitos lhe foi contado pela mãe de sua mãe. Em geral, entre os Karajá, as lendas são conhecidas melhor pelas mulheres que pelos homens.

Deauóro confirmou, grosso modo, aquilo que eu já sabia acêrca de Kanaxívue, e acrescentou: Kanaxívue casou com mulher karajá chamada Mareíko. Foi êle quem se fingiu morto para pegar o sol do *rararésa* (urubu-rei). Sol, lua, sete-estrêlo e estrêla-vésper (*dainakakán*) eram capacete do urubu-rei. Caminhavam muito depressa. Kanaxívue tem sogro. Sogro furou o pé num tôco. Machucou o pé. Sogro disse a Kanaxívue: "Você não é Kanaxívue, você é Karajá, você não faz nada." — Kanaxívue morreu. Deitou no mato esperando urubu-rei. Veio primeiro urubu (*rará*) para espiar se os olhos dêle já estavam podres e se êle fedia. Depois voa outra vez para chamar urubu-rei. Veio *rararésa*. Sentou-se com pêso — (Deauóro mostrou com gestos o ímpeto dêsse ato) — em cima do peito de Kanaxívue. Kanaxívue estava deitado com os braços abertos. Abraçou e segurou urubu-rei. *Rararésa* chorou e Kanaxívue queria capacete dêle. Tomou capacete de *rararésa* e quebrou logo as pernas do sol, da lua, do sete-estrêlo e da estrêla-vésper. Trabalhou um dia inteiro quebrando. Por isso, o sol, a lua, o sete-estrêlo e a estrêla-vésper caminham agora devagar. *Rararésa* ficou sem capacete. Por isso *rararésa* tem ca-

beça pelada. Depois Kanaxívue perguntou: "Como pegar pirarucu?" *Rararésa* diz: "Pegar na rêde." Kanaxívue perguntou: "Como pegar peixe?" *Rararésa* diz: "Cipó mata todo peixe."

Algum tempo depois de Deauóro ter-me dito tudo isso, descobri que, já anos antes, o missionário dominicano Luís Palha (14) tinha encontrado Kanaxívue no papel do captor do urubu-rei. Na versão um pouco embelezada pelo padre a fim de agradar o grande público consta, entre outras coisas: Kanaxívue era casado e isto numa época em que ainda não havia luz na terra; no "escuro", o sogro de Kanaxívue tropeçou, ferindo-se na fronte em um toro de madeira, o que o levou a injuriar o genro pela falta de luz; êste, então, se deitou na praia do rio fingindo-se morto; aproximaram-se dêle, então, primeiro os urubus-comuns e, depois, o urubu-rei sentando-se-lhe no peito e sendo apanhado por Kanaxívue; aí, êste exigiu do capturado a luz, sendo-lhe entregues, primeiro, a estrêla, depois a lua e, por fim, o sol; Kanaxívue sangrou os dois últimos na "batata da perna"; em conseqüência disso começaram a mancar e ficaram mais vagarosos.

A substituição do urubu-rei pelo jaburu na versão dada pelo Cadete Chico tornou-se-me compreensível quando, em 9 de julho de 1947, na Ilha do Bananal, vi jaburus misturados com urubus pairar em círculos sôbre um determinado lugar.

Um êrro, um êrro grosseiro que cometi, foi o de julgar impossível a união do bem e do mal na figura, pois eu mesmo tinha demonstrado em outro lugar de meu livro acima citado (15) que certos heróis tribais sul-americanos "fazem travessuras de tôda espécie trazendo também, no entanto, benefícios aos homens".

Além disso, o fato de Kanaxívue ter dado ao mundo dos Karajá o seu aspecto atual, com os morros, a água, o mato e os animais, fala em favor da suposição de ter sido adquirida a luz celeste por Kanaxívue e por nenhum outro. É improvável, também, que o mito não conserve o nome do realizador da façanha, embora êste, por razões que ignoro, não fôsse referido nas versões da captura do urubu-rei dadas por Diuasá, Nuerehí e Kurixí, apesar de êste informante de Krause e aquêles dois informantes meus terem mencionado o nome de Kanaxívue em outra ocasião.

A seguir, os dados concernentes a Kanaxívue e à aquisição da luz são comparados, em parte comentados e, por fim, coordenados.

A. Caracterização do Kanaxívue.

1) Kanaxívue parece ser descrito, de preferência, como adolescente de estatura baixa. É, segundo Diuasá, rapaz de um metro de altura e, no dizer de Nuerehí, "homem pequeno". Na versão dada a KRAUSE por Kurixí, o captor do urubu-rei é chamado, primeiro, de rapaz e, depois, de homem, sendo, em todo caso, porém, casado. O mesmo autor (16) dá para o têrmo *kẽnãsĩwẽ* a tradução portuguêsa "rapaz". No mito do dilúvio publicado por EHRENREICH, "Anatiua" tem "o corpo fino".

2) O herói Kanaxívue corresponde ao ideal de beleza a respeito da pele quando Diuasá o descreve como sendo "tão branco como Karajá" e quando Nuerehí afirma no tocante a êle: "Não parece Karajá, parece *torí*" (isto é: "homem branco"). No que diz respeito à côr da pele karajá, é essa um pardo escuro e mais escura do que a pele da maior parte dos outros índios que conheço; provàvelmente, a vida de navegante nu no grande rio tenha certa influência sôbre isso.

3) Aparentemente localizam a morada de Kanaxívue nos confins do mundo dos Karajá. LIPKIND (17) escreve em sua "Karajá Cosmography": "If you paddle many days downriver, you will come to a village of the transformer Kanashiwe, the world's northern limit. An equal journey upstream will take you to its southern limit, another village of Kanashiwe." Aquela fronteira setentrional corresponde à região até a qual Kanaxívue, nas versões de Diuasá e Nuerehí, se afastou, isto é, a "água grande" — designação que se refere, sem dúvida, à foz do Amazonas — e "Belém" — a cidade cujo nome é indicado aos Karajá, freqüentemente, como ponto final da viagem de brancos que descem o rio.

4) No mito do dilúvio reproduzido por EHRENREICH, Kanaxívue é caracterizado como médico-feiticeiro pelo fato de fumar até cair sem sentidos. A afirmação de Diuasá segundo a qual Kanaxívue "é como Deus dos cristãos" e o comêço da versão dada pelo Cadete Chico: "O pai dos Karajá é Deus (*kinosiwe*)" sugerem que Kanaxívue formou e instalou o mundo dos Karajá do modo que é atualmente. A afirmação do missionário dominicano LUÍS PALHA (18) segundo a qual êsses índios, "erguendo as mãos para o Céu", oferecem os primeiros frutos de suas roças a Kanaxívue a fim de que não lhes falte nunca o milho e a mandioca, não é confirmada por outros autores. Considero, porém, digna de fé a informação do velho Nuerehí: "Karajá não tem Deus bom como o dos cristãos."

5) Segundo o mesmo informante, Kanaxívue "fêz tudo": os morros, as pedras, a água e o mato. Contaram ao padre PALHA (19) que Kanaxívue fêz o Araguaia, as cachoeiras, a chuva, as plantas e certos animais.

6) Segundo Nuerehí e Deauóro, Kanaxívue, transformando Karajá em animais, fêz tôda a fauna. A prova de que os animais, antigamente, eram Karajá, é fácil de fazer a respeito de alguns. Assim, por exemplo, o sinimbu (*kuré* em karajá) era, no dizer de Deauóro, Karajá que comeu fruto. Kanaxívue perguntou: "Que está fazendo?" "Estou comendo fruto", foi a resposta. Kanaxívue virou-o em *kuré*. Balaio ficou no pescoço; a tatuagem ficou na cara e as listas pretas, que Karajá tem nas pernas e braços, ficaram na cauda. Realmente, êsse lacertílio do gênero *Iguana* tem uma espécie de papo e, na cabeça, círculos que lembram o distintivo tribal tatuado no rosto de ambos os sexos da tribo do Araguaia.

Mas nem tôdas as lendas da origem dos animais mencionam Kanaxívue como sendo o transformador. O Karajá Tohobári que, como Deauóro, nasceu em Santa Isabel, mas, pelo casamento, veio a morar na aldeia pegada à Leopoldina, contou-me, em 1947, o seguinte: tinha cabeça de Karajá cortada a facão por *torí* e gritando no mato. Outros Karajá procuraram-na. A cabeça gritou que queria contar uma coisa. Outros Karajá o encontraram e levaram para casa, deram duas paneladas de *kaluji* (bebida de milho socado), cabeça bebeu e despejou, bebeu e despejou pelo pescoço cortado. Pegaram a cabeça, jogaram dentro d'água, virou bôto. Por isso, bôto quase tem cabeça de gente. Até aqui Tohobári. De fato, a cabeça de *Inia geoffroyensis* destaca-se na parte posterior de tal modo que podia fazer surgir a idéia duma cabeça humana. Além disso, o bôto, animal muito freqüente no Araguaia, lembra o homem pelo típico arquejo produzido quando emerge. A menção do homem branco (*torí*) com o facão mostra que o conto de Tohobári, é, pelo menos neste pormenor, de origem moderna.

7) Na versão dada por Nuerehí e no mito do dilúvio publicado por EHRENREICH, Kanaxívue figura como causador das grandes enchentes que ameaçam os Karajá. Embora Nuerehí não falasse expressamente nessa ameaça, mencionou que "Karaiá atou o Kanaxívue nos braços e nas pernas" o que não significa outra coisa que o ato de prender o elemento ameaçador. Além disso, todos os que estão familiarizados com as condições de vida dos Karajá, conhecem a fatalidade dessas enchentes. Quando, anualmente, as águas do Araguaia sobem, inundando vastas regiões, vêm para os índios as misérias e fadigas: são desalojados das praias. No tempo sêco, essas praias são como uma mesa posta: todos os animais reúnem-se nelas, as tartarugas põem os seus saborosos ovos na areia e cardumes de ótimos peixes brincam nas proximidades. Para o índio, não há cama melhor e praça de dança mais linda do que essas limpas

e brancas ilhas e margens com o seu solo liso e mole. Inóspita, porém, é a mata, inimiga do homem. E no tempo das chuvas é difícil caçar, mais difícil ainda pescar; e não raro o rio sobe tanto que devora até as miseráveis plantações da tribo. Que Kanaxívue faça chover, segundo Nuerehí, enquanto que produza a enchente, segundo EHRENREICH, quebrando cabaças cheias de água, não é diferença estranha, se se considera que é necessário chover só em certos pontos e não em todos os lugares de um rio, para fazê-lo subir.

Também na lenda do mutum narrada a KRAUSE por Kurixí é mencionada uma "grande chuva" pela qual essa ave, antagonista de *kenansiwe*, fica "completamente molhada". — Num lugar do livrinho de PALHA (20) lemos que Kanaxívue "fêz a chuva", em outro (21), que as gôtas de chuva são as lágrimas de certos habitantes do céu. Também Tohobári contou-me dêsses *bihú-mahandú*, "gente da chuva", que moram em cima de nós e fazem chover. Contrasta com isso a afirmação de Nuerehí segundo a qual "hoje ainda é Kanaxívue que faz chover."

8) "Kanaxívue é mau", declarou êsse velho e a frase exprime, sem dúvida, a opinião pública geral. Segundo Tohobári, Kanaxívue "fêz tudo que é ruim", por exemplo, o rabo da raia e a piranha. No mito do dilúvio comunicado por EHRENREICH, o próprio Kanaxívue se transforma nesse perigoso peixe a fim de perseguir os Karajá. Pela narração de Nuerehí ficamos sabendo de que maneira Kanaxívue produziu a arma temida da raia. Êsses dois animais são os horrores principais do Araguaia.

Várias pequenas histórias mostram a malícia de Kanaxívue. Assim a contada por Kurixí na qual Kanaxívue estupra sua avó. Assim a contada por Diuasá na qual Kanaxívue é o dono do fogo, não atende o pedido dos Karajá para dar-lhes o lume e o apaga na bôca do sapo que o pegou por ordem dos índios. Assim, também, o conto do pato e de sua lancha, que devo a Deauóro e que reproduzirei mais adiante.

O caráter velhaco de Kanaxívue manifesta-se igualmente no mito do dilúvio e no fato de êle transformar Karajá em animais. É verdade que não o impede de ser, às vêzes, benfeitor: assim, por exemplo, quando Kanaxívue, impelido pelo sogro e pela sogra, adquire a luz do céu para os Karajá, ou quando êle fecha o Araguaia com cachoeiras no intuito de reter os peixes para o alimento dêsses índios (22). Kanaxívue pode ser bondoso também com os animais, como mostra a lenda narrada por Tohobári e mais adiante reproduzida, na qual o herói ressuscita a tracajá.

B. A aquisição da luz do céu.

1) Segundo Deauóro e a versão transmitida por PALHA, Kanaxívue era casado, como também o era o captor do urubu-rei na versão que KRAUSE ouviu de Kurixí

2) Nesta lemos: "Ainda tudo estava escuro." Também na versão reproduzida por PALHA e nas narrações de Diuasá e Nuerehí é mencionada a escuridão que originalmente havia na terra.

3) Segundo Deauóro e o informante de PALHA é o sogro de Kanaxívue quem se fere xingando, por isso, o genro: na versão publicada por KRAUSE, aquêle papel é desempenhado pela sogra. Em todo o caso, o episódio em aprêço alude às condições matrilocais entre os Karajá. Na versão reproduzida por PALHA (23), a sogra supera o marido na xingação, o que corresponde igualmente à realidade da vida karajá.

4) Enquanto na versão publicada por PALHA (24) a "morte" de Kanaxívue é descrita para um público de leitores não-índios com as palavras "fingiu-se de morto", Deauóro diz: "Kanaxívue morreu. Deitou no mato esperando urubu-rei." Também o captor do urubu-rei na narração de Nuerehí morre, fica morto durante dois dias e duas noites, e até o caracará e o urubu comum começam a comer de seu corpo. Na versão dada por Kurixí a KRAUSE é referido que o captor, comendo um remédio mágico, ficou muito inchado, apodrecendo seus olhos e atraindo o fedor de sua barriga os urubus. Também na versão narrada pelo Cadete Chico é mencionada a barriga grande, sintoma de putrefação do cadáver, sendo, porém, explicada como consequência de engolir ar.

5) A chegada sucessiva das aves apresenta o número três, característico de muitas lendas índias, especialmente daquelas nas quais o herói tem de fazer determinadas provas. Na versão dada por Kurixí vêm, primeiro, os urubus comuns, depois o caracará e, por fim, o urubu-rei· na de Cadete Chico o jaburu, depois o caracará e, por fim, novamente o jaburu. Segundo Nuerehí, vieram, primeiro, o caracará, depois o urubu comum e, por fim, o urubu-rei. Na publicação desta versão (25) saiu, por engano, no respectivo lugar, *rararésa* em vez de *raará*. Na versão publicada por PALHA (26) achegam, primeiro, as môscas, depois os urubus comuns e, por fim, o urubu-rei. Na versão contada por Deauóro não figura o mencionado número três, mas aparecem só o urubu comum e, depois, o urubu-rei. Aliás, essa ordem de aproximação é conhecida por muitos observadores.

6) Segundo Deauóro, Kanaxívue estava deitado com os braços abertos quando o urubu-rei sentou-se-lhe no peito, e, com um abraço, pegou a ave. Também nas versões dadas por Diuasá e Nuerehí, o urubu-rei é abraçado. Segundo PALHA (27) a ave se senta sôbre o peito de Kanaxívue e êste a "abarca" com as duas mãos. Na versão contada por Kurixí, o urubu-rei pousa na barriga do captor e é agarrado com as mãos. Na versão narrada pelo Cadete Chico lemos sòmente que o jaburu foi pegado por Kanaxívue depois de sentar-se sôbre a barriga dêle.

7) No episódio da entrega da luz aparece novamente o número três. Segundo o Cadete Chico é trazida, primeiro, uma luz pequena, depois a lua e, por fim, o sol. Tanto na versão contada por Kurixí como na publicada por PALHA vem, primeiro, a estrêla, depois a lua e, por fim, o sol. Diuasá, porém, mencionou exclusivamente a lua e o sol e Nuerehí falou só neste último. Deauóro não aludiu à chegada sucessiva dos astros que formaram o capacete do urubu-rei, especificou-os, porém, como sendo o sol, a lua e, em vez da estrêla em geral, as plêiades e o planêta Vênus.

8) O motivo mitológico de quebrar as pernas do sol para diminuir sua marcha, motivo contido na versão dada por Deauóro, encontra-se também num mito karajá publicado por EHRENREICH (28) no qual o irmão duma jovem karajá quebra uma perna do sol para que a moça, quando fôsse ao mato para buscar lenha, pudesse acabar o trabalho antes de anoitecer, pois o sol corria, então, muito depressa, andando por isso desde aquêle tempo, mais devagar. Comentando êste mito, EHRENREICH chama a atenção para a coincidência com um mito maui da Polinésia.

Enquanto, segundo Deauóro Kanaxívue quebra as pernas do sol, da lua, do sete-estrêlo e da estrêla-vésper, na versão publicada por PALHA, sangra ao sol e à lua a batata da perna com a mesma finalidade. Talvez o informante, para suavizar a narração, tenha substituído o quebrar de pernas pela sangria. É digno de nota que também na mitologia dos índios Tapirapé o sol está coxeando, mas por razão diversa da mencionada na mitologia dos vizinhos Karajá. Segundo WAGLEY (29), êle está "limping through his daily orbit (for the *sky is rough* and the sun continually has thorns in his feet)".

9) O capacete da versão de Deauóro chama-se na de Diuasá simplesmente "enfeite da cabeça" e na de Kurixí "enfeite". Nuerehí falou no cabelo comprido do urubu-rei, que o captor arranca, obtendo dêle, então, o sol. O informante de PALHA (30) mencionou que o urubu-rei, naquele tempo, "estava recoberto, em vez de penas, de longos cabelos

finos, longos pretos e luzidos". "Capacetes" e toucas de plumas são enfeites típicos dos Karajá (31).

10) Depois de ter entregue a luz, o urubu-rei revela sua verdadeira natureza de herói-civilizador. Segundo Diuasá, êle ensina, então, tudo o que ainda hoje é importante para a aquisição do sustento dos Karajá e, além disso, o fabrico do adôrno de algodão muito significativo para a vida da tribo. Na versão dada por Kurixí, o urubu-rei ensina a fabricação da coberta de algodão e a pesca com arco e flecha. Segundo Deauóro, o urubu-rei explica a Kanaxívue que o pirarucu deve ser pegado na rêde, método que distingue, ainda hoje, os Karajá dos neobrasileiros, pois êstes costumam arpoar aquêle peixe gigantesco. Segundo mesmo informante, o urubu-rei indica a Kanaxívue, além disso, o meio de pegar peixes em grandes quantidades envenenando as águas, processo muito difundido na América do Sul e também apreciado pelos Karajá.

Aquilo que me parece essencial nas diversas versões será, a seguir, coordenado a fim de reproduzir o mito de Kanaxívue e da aquisição da luz.

KANAXÍVUE E A AQUISIÇÃO DA LUZ

Quem fêz os morros foi Kanaxívue. Com as mãos amontoou a terra. Quem fêz o mato, o grande rio e as cachoeiras foi Kanaxívue. As cachoeiras retêm os peixes e isto é bom para os Karajá.

Kanaxívue encontrou um Karajá que comeu fruto. Kanaxívue perguntou: "Que está fazendo?" "Estou comendo fruto", disse o Karajá. Kanaxívue transformou-o em sinimbu. O sinimbu tem ainda hoje, como o Karajá, dois círculos escuros no rosto, e na sua cauda podemos ver as listas pretas que o Karajá pinta nas pernas e nos braços.

Quem fêz os animais foi Kanaxívue. Transformou os Karajá em animais. Todos os animais eram Karajá.

Quem fêz a grande enchente foi Kanaxívue. Um belo dia, os Karajá encontraram-no quando estavam caçando. Êle começou a cantar, mas não o compreenderam. Pediu tabaco, mas não entenderam suas palavras. Trouxeram-lhe frutos, mas êle apontou para alguém que estava fumando. Deram-lhe, então, tabaco, e Kanaxívue fumou até cair sem sentidos. Foi pôsto dentro duma canoa e levado à aldeia. Aí acordou e novamente cantou e dançou. Tudo isso e ainda a língua estranha assustou tanto os Karajá que foram embora com mulher e filhos. Aí Kanaxívue ficou com raiva, transformou-se em uma grande piranha e perseguiu-os. Mandou os Karajá pararem, e como não quisessem obedecer, quebrou uma das muitas cabaças cheias de água que levava consigo. Aí o rio começou a

subir. Como ainda não parassem, foi quebrando cabaça por cabaça e a água subiu cada vez mais, inundando a terra tôda até que, por fim, sobressaíam apenas dois morros. Nêles os Karajá se tinham refugiados. Kanaxívue mandou os peixes puxá-los para baixo e dentro da água. Poucos Karajá ficaram com vida.

Kanax vue era também o dono do fogo. Os Karajá pediram-lhe o fogo, mas êle disse que o não queria dar. Então o sapo roubou-lhe o fogo e deu-o aos Karajá,

Quem deu à raia os horríveis espinhos foi Kanaxívue. Originàriamente, a raia não tinha espinho. Kanaxívue cortou pauzinhos da madeira do coqueiro dando-os a ela. Aí a raia picou o Karajá e êle chorou muito e foi embora.

Também foi Kanaxívue quem deu ao pato uma lancha de barro. O pato tinha uma boa lancha de metal. Kanaxívue disse: "Vamos trocar lancha, eu te dou uma de barro." Fizeram a troca. Quando o pato entrou na lancha de barro, ela começou a fazer água. Não havia jeito de calafetar e afundou. Aí o pato saiu com os filhinhos chorando e nadando.

Kanaxívue fêz também o tracajá tal qual é hoje. Antigamente, o tracajá era muito grande, maior do que a tartaruga. A onça estava trepada em cima do pau. O tracajá vinha andando na praia e encontrou-se com a onça. O tracajá disse: "Amiga onça, vem cair aqui na minha cabeça!" A onça respondeu: "Não, senão arrebento tua cabeça." O tracajá disse: "Vem cair aqui nas minhas costas!" Aí, onça caiu e tracajá morreu. Onça foi embora. Kanaxívue chegou e falou: "E, amigo tracajá, como morreu assim?" Pegou as cascas e juntou e fêz tracajá de jeito miudinho. Por isso, tracajá é tão miúdo. Por isso, tracajá é muito mais miúdo do que tartaruga.

Kanaxívue, moço de estatura baixa e pele clara, casou com uma Karajá de nome Mareíko. Naquele tempo ainda não havia luz na terra. E é por isso que o sogro de Kanaxívue tropeçou num tôco quando saiu em busca de alguma coisa. Machucou-se muito e xingou horrìvelmente. "Você quer ser meu genro! Você quer ser o poderoso Kanaxívue", gritou, "o Kanaxívue que fêz o rio e os morros e o mato e os peixes e a onça, e você não é nem sequer capaz de acabar com esta contínua escuridão. Você não passa de um simples Karajá e você não vale nada." A sogra, porém, como é costume entre os Karajá, xingava ainda muito mais, xingava tanto tempo e com voz tão alta que, por fim, Kanaxívue dispôs-se a buscar a luz.

Depois de ter andado algum tempo, Kanaxívue deitou-se e morreu. Aí veio o caracará e comeu-lhe os olhos. Dois dias mais tarde veio o urubu

e comeu carne de seu braço e de sua perna. Depois de mais dois dias apareceu o urubu-rei. Sentou-se com todo o seu pêso em cima de Kanaxívue. Kanaxívue estava deitado de costas e com os braços abertos. Aí, de repente, voltou à vida, abraçou o urubu-rei e segurou-o. O urubu-rei chorou. 'Dê-me a luz!" mandou Kanaxívue. A luz era o capacete de penas do urubu-rei. Aí, o urubu-rei deu as estrêlas. — "Quero mais luz," disse Kanaxívue. Aí, o urubu-rei deu a lua. — Mas Kanaxívue não o soltou e disse: "A luz mais forte é que eu quero." Aí, o urubu-rei entregou-lhe o sol. E assim êle perdeu todo o seu capacete de penas.

Kanaxívue quebrou logo as pernas do sol, da lua e das estrêlas. Passou um dia inteiro quebrando-lhes as pernas. Antigamente, êles corriam depressa demais. Mas desde aquêle tempo estão mancando.

Kanaxívue perguntou ao urubu-rei como fiar e fazer cobertas, fabricar enfeites de algodão, apanhar tartaruga, torcer corda de arco, pescar, caçar, fazer roça e construir canoa. O urubu-rei passou um dia inteiro ensinando tudo isso. Desde então, os Karajá sabem fiar e fazer cobertas, fabricar enfeites de algodão, apanhar tartaruga, torcer corda de arco, pescar, caçar, fazer roça e construir canoa.

Quando o urubu-rei já estava subindo novamente para o céu a sogra de Kanaxívue achou que deviam perguntar-lhe ainda como gente velha fica de novo moça. Então veio lá do alto a resposta; ouviram-na as árvores e os animais, mas não os homens.

BIBLIOGRAFIA

BALDUS, HERBERT — *Ensaios de Etnologia Brasileira*. Série Brasiliana, vol. 101. São Paulo, 1937.

BALDUS, HERBERT — "Kulturwandel bei Indianern in Brasilien". *Archiv für Anthropologie*, XXIV, Braunschweig, 1938.

BALDUS, HERBERT — "Tribos da bacia do Araguaia e o Serviço de Proteção aos Índios". *Revista do Museu Paulista, Nova Série*, II, São Paulo, 1948.

BALDUS, HERBERT — "Akkulturation im Araguaya-Gebiet". *Anthropos*, XLI-XLIV, Freiburg in der Schweiz, 1949.

EHRENREICH, PAUL — *Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens*. Berlin. 1891. (Edição brasileira: "Contribuições para a Etnologia do Brasil" tradução de EGON SCHADEN; introdução e notas de HERBERT BALDUS. *Revista do Museu Paulista, Nova Série*, II São Paulo, 1948.)

KRAUSE, FRITZ — "Tanzmaskennachbildungen vom mittleren Araguaya (Zentral-Brasilien)". *Jahrbuch des Städtischen Museums für Völkerkunde zu Leipzig*. III, Leipzig, 1910.

KRAUSE, FRITZ — *In den Wildnissen Brasiliens*. Leipzig, 1911. (Edição brasileira: "Nos sertões do Brasil", tradução de EGON SCHADEN. *Revista do Arquivo Municipal*, LXVI-XCV, São Paulo, 1940-1944.

KRAUSE, FRITZ — "Die Kunst der Karajá-Indianer (Staat Gouyaz, Brasilien)". *Baessler-Archiv*, II, Heft 1, Berlin und Leipzig, 1911.

LIPKIND, WILLIAM — "Karajá Cosmography". *The Journal of American Folk-Lore*, vol. 53, n.º 210, New York, 1940.

LIPKIND, WILLIAM — "The Karajá". *Handbook of South American Indians*, III. Washington, 1948.

MACHADO, OTHON XAVIER DE BRITO — *Os Carajás*. Conselho Nacional de Proteção aos Índios, publicação n.º 104. Rio de Janeiro, 1947.

PALHA, LUÍS — "Au Brésil: en pays Karaja". *Les Missions Dominicaines*, IX, Paris, 1930.

PALHA, LUÍS — "Un Karaja m'a dit". *Ibidem*, XI, Paris, 1932.

PALHA, LUÍS — *Índios curiosos*. Rio de Janeiro, 1942.

WAGLEY, CHARLES — "World View of the Tapirape Indians". *The Journal of American Folk-Lore*, vol. 53, n.º 210, New York, 1940.

NOTAS

1) *Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens.*
2) *In den Wildnissen Brasiliens.*
3) *Tanzmaskennachbildungen vom mittleren Araguaya (Zentralbrasilien).*
4) *Die Kunst der Karajá-Indianer.*
5) *The Karajá.*
6) HERBERT BALDUS: *Ensaios de Etnologia Brasileira.* Idem: *Kulturwandel bei Indianern in Brasilien.* Idem: "Tribos da Bacia do Araguaia e o Serviço de Proteção aos Índios". Idem: *Akkulturation im Araguaya-Gebiet.*
7) EHRENREICH: o. c., pp. 38-45; KRAUSE: *In den Wildnissen Brasiliens*, pp. 344-350; LIPKIND: *Karajá Cosmography.*
8) *Au Brésil: en pays karaja.* Idem: *Un Karaja m'a dit.* Idem: Índios curiosos
9) *Os Carajás.*
10) BALDUS: *Ensaios de Etnologia Brasileira*, pp. 187-271.
11) *Karajá Cosmography*, p. 251.
12) BALDUS: o. c., pp. 190-205.
13) ibidem, pp. 204-205.
14) *Índios curiosos*, pp. 66-68.
15) *Ensaios de Etnologia Brasileira*, pp. 273-275.
16) KRAUSE: *In den Wildnissen Brasiliens*, p. 473.
17) LIPKIND: *Karajá Cosmography*, p. 248.
18) *Índios curiosos*, p. 45.
19) ibidem, pp. 45 e 66.
20) ibidem, p. 45.
21) ibidem, p. 48.
22) PALHA: o. c., p. 45.
23) o. c.,p . 66.
24) ibidem, p. 67.
25) BALDUS: *Ensaios de Etnologia Brasileira*, p. 191.
26) Índios curiosos, p. 67.
27) o. c., p. 67.
28) o. c., p. 39. (Versão portuguêsa: *Contribuições para a Etnologia do Brasil*, p. 80.).
29) *World View of the Tapirape Indians*, p. 255.
30) *Índios curiosos*, p. 67.
31) Cf. EHRENREICH: o. c., prancha IX; KRAUSE: *In den Wildnissen Brasiliens*, p. 232 e prancha 47.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org